VERDADES INVENTADAS

FAUXS VÉRITÉS

Danielle Morais Generoso *

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo principal, analisar algumas crônicas da autora brasileira Cecília Meireles presentes no livro **Ilusões do mundo**, segundo a leitura de alguns capítulos dos livros **O futuro de uma ilusão** e **O Mal-estar na civilização**, de Sigmund Freud. Dar-se-á enfoque à constante busca do homem pela almejada e distante felicidade e às suas estratégias para suprir suas carências e tornar mais fácil seu tenso convívio com a realidade do mundo, criando assim, suas verdades inventadas, ou seja, suas ilusões do mundo.

Palavras-chave: Cecília Meireles; Freud; Civilização; Mal-estar

1. O mal-estar na civilização

Sigmund Freud, em seu livro, **O mal-estar na civilização**, elabora um estudo psicanalítico sobre a tensa relação entre o homem e a civilização, os benefícios e prejuízos trazidos a esse indivíduo que saiu de sua situação primitiva e foi inserido em uma sociedade considerada civilizada. Freud descreve a civilização como “a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados animais, e que servem a dois intuítos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar os seus relacionamentos mútuos” (FREUD, 1987, p. 96).

Esse processo, que possibilitou ao homem uma maior segurança de sua

* Mestranda do Programa de Pós Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz

existência e da permanência de seus descendentes, cobrou em troca sua liberdade, delegando-lhe deveres e papéis sociais; o indivíduo privou-se da satisfação de seus instintos, de certa forma primitivos, para adotar uma nova postura em suas relações com os outros indivíduos, baseada em regras éticas, em conceitos de justiça e injustiça, de moral e etc. – “O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança” (FREUD, 1987, p. 119).

Neste momento, em que regras de convivência são criadas, o “homem civilizado” deve adequar-se ao seu novo modo de vida, reprimindo assim, desejos que não condigam com o padrão ético de sua sociedade – “O desenvolvimento da civilização impõe restrições a ela, e a justiça exige que ninguém fuja a essas restrições” (FREUD, 1987, p. 102).

E é através da repressão desses impulsos, que surgem, dentre outros problemas, a frustração e a infelicidade. Seria portanto, a civilização, segundo Freud, uma das principais fontes de nossos sofrimentos, pois, seu conjunto de regras de convivência impossibilitariam a satisfação plena de nossos desejos, logo impediriam nossa felicidade – “o que chamamos de nossa civilização, é em grande parte, responsável por nossa desgraça (...) seríamos muito mais felizes se a abandonássemos e retornássemos às condições primitivas” (FREUD, 1987, p. 93). Porém não há possibilidade do sujeito desligar-se da civilização, devendo render-se a essa.

As relações que estabelecemos com outros indivíduos são muito custosas, doar-se em uma relação, amar, respeitar e solidarizar-se com o próximo, são atribuições que nos exigem muito e que, por isso, estão sujeitas a transgressões, posto que, a agressividade, segundo Freud, é um forte traço humano; nós somos naturalmente hostis para com os outros, o que controla – em muitos casos – essa hostilidade, são as regras impostas pela civilização:

O elemento de verdade por trás disso tudo, o elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade (FREUD, 1987, p. 116).

Essas relações com o próximo podem, inclusive, gerar grandes decepções e sofrimentos, pois nem sempre somos recebidos pelo outro com a mesma cordialidade com que vamos ao seu encontro; se amamos, desejamos ser amados, se somos cordiais e solidários, esperamos que a recíproca seja de fato, verdadeira, porém, não temos garantia de igual tratamento e, muitas vezes, ao contrário do que esperamos, somos recebidos de forma nada amistosa, deparando-nos com a má vontade e o desafeto de sujeitos que se preocupam excessivamente com poder e individualidade:

Chega a hora em que cada um de nós tem de abandonar, como sendo ilusões, as esperanças que, na juventude, depositou em seus semelhantes, e aprende quanta dificuldade e sofrimento foram acrescentados à sua vida pela má vontade deles (FREUD, 1987, p. 117).

Em meio a tanta frustração e sofrimento gerados como produto da civilização: as difíceis relações com o próximo, as regras éticas da sociedade, a necessidade de nos enquadrarmos em papéis sociais, de reprimirmos nossos impulsos primitivos, de sermos amistosos - quando na verdade somos naturalmente agressivos - e de suportarmos máscaras que pesam sobre nossa face; sentimo-nos frágeis, desamparados, e como proteção ao sofrimento e a dor, apegamo-nos a constructos ideológicos, criamos nossas “ilusões do mundo”, inventamos nossas verdades e diminuimos, assim, nosso desconforto diante do mundo. Em **O futuro de uma ilusão**, Freud conceitua a ilusão como projeções dos desejos humanos, postulando que:

Uma ilusão não é a mesma coisa que um erro; tampouco é necessariamente um erro (...). O que é característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos (...). As ilusões não precisam ser necessariamente falsas, ou seja, irrealizáveis ou em contradição com a realidade (FREUD, 1987, p. 39).

Inserimo-nos no campo das hipóteses, das construções fictícias em que desejamos acreditar, criamos nossas versões da realidade e, muitas vezes, apoiamo-nos nessas, a fim de vivermos, ao menos, breves momentos de felicidade:

A segunda tentativa é a efetuada pela filosofia do 'como se', que assevera que nossa atividade de pensamento inclui grande número de hipóteses cuja

falta de fundamento e até mesmo absurdeza compreendemos perfeitamente. São chamadas de 'ficções', mas, por várias razões práticas, temos de nos comportar 'como se' nelas acreditássemos (FREUD, 1987, p. 37).

Essas ficções, essas ilusões da verdade, são uma espécie de satisfação substitutiva para as infelicidades do mundo, refúgio para a realização de nossas fantasias banidas do “mundo real”, é o espaço para a satisfação dos nossos desejos, dos nossos impulsos, ou mais, dos nossos instintos primitivos. Isso atenua o sofrimento, nos provoca sensações de prazer e nos proporciona a liberdade que a civilização nos tirou:

A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas (...) Existem talvez três medidas desse tipo: derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça; satisfações substitutivas, que a diminuem; e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela (FREUD, 1987, p. 83).

Podemos tomar como derivativos poderosos, a atividade científica, por exemplo, que através das nossas carências, das nossas fragilidades, desenvolve tecnologias que nos possibilitam uma maior sensação de poder diante da natureza, capacita o homem para realizar tarefas que não seriam possíveis em seu estado natural, primitivo. Com as inovações tecnológicas temos a ilusão de sermos mais fortes, de dominarmos a natureza e, por alguns instantes, quase nos esquecemos de nossas limitações e de nossa mortalidade. Sentimos como se pudéssemos controlar a natureza e a vida, o que nunca será possível de fato, daí a estratégia do “como se fosse possível”.

Como satisfações substitutivas, podemos considerar a arte, que nos insere em uma realidade ficcional; a beleza da natureza, que nos proporciona uma sensação de vitalidade, podemos nos sentir mais vivos em contato com ela, com sua energia; e os constructos ideológicos que criamos, nos quais desejamos acreditar, por exemplo a religião, o ideal de nação, o ideal de comprometimento e de amor para com o semelhante. Por último, existe um grande apelo ao uso de substâncias tóxicas, o famoso ópio, para tornar-se insensível às dores do mundo.

Como a grande busca do ser humano é a felicidade, ele transita entre os vários recursos, as mais variadas estratégias de afastamento do sofrimento, as

inúmeras satisfações substitutivas; as próprias manifestações culturais, as festas, os eventos, podem introduzir o indivíduo em uma realidade recriada, inventada, a um tipo de vida - de realidade – que não é propriamente o seu: “O que pedem eles da vida e o que desejam nela realizar? – A resposta mal pode provocar dúvidas. Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer” (FREUD, 1987, p. 84).

Mas o que seria essa felicidade tão incessantemente buscada pelo homem? Para Freud, “o que chamamos de felicidade no sentido mais restrito, provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica” (FREUD, 1987, p. 84).

A felicidade seria, portanto, uma aspiração humana, jamais realizada em sua totalidade, as pessoas estariam sempre em sua busca , sem poderem enfim, alcançá-la e viverem o “felizes para sempre”; quando satisfeita uma vontade, outra surgiria e assim sucessivamente, estaríamos fadados a um desejo inesgotável de sermos felizes, de vivermos “intensos sentimentos de prazer” (FREUD, 1987, p. 84).

Além da busca pela felicidade, tentamos evitar o sofrimento, o homem “visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer” (FREUD, 1987, p. 84), o que também não é possível em sua plenitude, pois, sempre ocorrerão adversidades, impedimentos aos nossos impulsos, frustrações, desilusões, pois, são fatos que fogem ao nosso controle. Às vezes, a tentativa de proteção contra o sofrimento se faz tão intensa que sobressai ao desejo de obter a felicidade, o homem contenta-se com o simples fato de não ser infeliz – “(...) que um homem pense ser ele próprio feliz, simplesmente porque escapou à infelicidade ou sobreviveu ao sofrimento, e que, em geral, a tarefa de evitar o sofrimento coloque a de obter prazer em segundo plano” (FREUD, 1987, p. 85).

O homem, portanto, está constantemente tentando “obter uma certeza de felicidade e uma proteção contra o sofrimento através de um remodelamento delirante da realidade” (FREUD, 1987, p. 89).

Não existe uma única forma de obter satisfação, logo, viver os intensos momentos de prazer, que caracterizam a felicidade, estamos constantemente transitando entre uma ou outra estratégia para essa realização. Estamos sempre negociando nossa felicidade, conforme sugere Freud, “assim como o negociante

cauteloso evita empregar todo seu capital num só negócio, assim também, talvez, a sabedoria popular nos aconselhe a não buscar a totalidade de nossa satisfação numa só aspiração” (FREUD, 1987, p. 91).

2. O homem e as ilusões do mundo

Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero é uma verdade inventada. (LISPECTOR, 2010)

A constante busca pela satisfação, pela obtenção da felicidade através das mais variadas estratégias, foco deste trabalho, está representada em algumas crônicas do livro **Ilusões do Mundo**, de Cecília Meireles, que servem como um abundante exemplo das diferentes relações e experiências humanas.

A crônica “Ilusões do Mundo” apresenta a natureza como uma forma de refúgio do caos do mundo, das difíceis realidades, um lugar em que a satisfação torna-se possível, em que se vive momentos de prazer e pode-se esquecer as adversidades da vida, uma espécie de isolamento do “mundo real” ou, uma ilusão de mundo melhor: “Mas as virtudes destas águas de Lindóia são tamanhas que aqui ninguém se perturba com os contratempos” (MEIRELES, 1982, p. 22). É como se a natureza transmitisse às pessoas energia, vitalidade, livrando-as de doenças físicas e psicológicas:

Ah! Benditas águas...Benditas não só por esse otimismo que propiciam como pelas curas reais que se lhes atribuem. Este conta que se achava repleto de cálculos e agora verifica estar completamente livre deles. Outro, que já não podia andar sem muletas, aparece agora, lépido e folgazão, a subir e descer escadas com juvenil facilidade. O que se amofinava com suas alergias, já nem se lembra mais delas. Tudo graças a copinhos de água, a banhos de imersão, a duchas escocesas e a não sei quantas outras modalidades de aplicações que os doutores engenhosos inventaram, tirando partido destas fontes que jorram das entranhas da Natureza – a 'mãe piedosa' que o poeta celebrou – a oferecer a seus filhos remédio simples e singular contra tantos males (MEIRELES, 1982, p. 22).

Quando privadas desse contato, as pessoas estão fadadas ao convívio entre

quatro paredes, podendo ser penoso, já que as relações humanas baseiam-se em difíceis negociações entre amar e ser amado, respeitar e ser respeitado. Os turistas, personagens da crônica em questão, por causa de uma possibilidade de chuva, são privados “das alegrias do ar livre, desses lugares verdes por onde desliza o riacho” (MEIRELES, 1982, p. 22) e uma espécie de caos é instaurado no saguão do hotel, com todas aquelas pessoas, cada uma com sua peculiaridade, tendo de conviver em um espaço fechado:

E foi por isso que os salões do hotel se viram repletos de gritos, alaridos, cacofonias, uns que provinham das sonoras gargantas ali presentes; outros, que se desprendiam das caixas musicais, e cuja única função era a de produzirem barulho, pois os próprios responsáveis por eles não lhes prestavam a menor atenção (MEIRELES, 1982, p.22).

Ao deixarem o saguão e caminharem pela bela natureza, os ruídos das outras pessoas já não incomodavam e:

todos continuam a procurar as fontes miraculosas mesmo sob a chuva, e estes gritos estridentes, e estas perninhas corredoras das crianças e estas vozes da vitrola, e estes gestos negligentes de rapazes e mocinhas não atigem os ouvidos, não embaraçam os movimentos, não ferem a sensibilidade de ninguém, ao longo destas salas, entre estas mesas e poltronas e jardineiras... (MEIRELES, 1982, p. 22).

É interessante observar como o otimismo, o bom humor, acompanham as pessoas que desfrutam daquele momento de prazer na natureza, e o instinto de agressividade é deixado de lado, imperando a cordialidade e a solidariedade na relação com o outro:

Aprecio essas maravilhas que me são referidas, mas na verdade o que mais me impressiona é o bom humor, é este bom humor que observo em redor de mim! Pois se o cozinheiro se esquecer de temperar a comida, todos estão aptos a compreendê-lo com a mais afetuosa simpatia; se o elevador ficar enguiçado horas e horas, todos acham interessante e salutar subir para os seus quartos pelas escadas; se as pessoas baterem com as portas, esbarrarem umas nas outras, cometerem, enfim, todos esses pequenos desatinos que se observam no convívio dos hotéis, há uma cordialidade generalizada que arredonda as arestas da agressividade, e uma espécie de bem-aventurança envolve fraternalmente as criaturas e transforma este nosso pobre mundo num delicado paraíso. (Benditas águas!). (MEIRELES, 1982, p. 22).

A única pessoa que não se contamina com o bom humor ao redor, que não se

deixa cegar pela ilusão geral de felicidade, é “um sábio que anda perdido sob estas árvores a respirar estes ares” (MEIRELES, 1982, p. 23), pois, “ele vê as coisas em profundidade” (MEIRELES, 1982, p. 23), ele tem a capacidade de enxergar além do que os outros podem ver, ele pode enxergar uma outra verdade, uma outra realidade; ele vê a ganância do homem, seu desejo de poder sobre a natureza e sobre os outros – “E o sábio não participa do otimismo geral. O sábio está desgostoso com os apartamentos que já se vão acumulando neste lugar de fontes privilegiadas. Ele vê as coisas em profundidade, e suas previsões são um pouco desanimadoras” (MEIRELES, 1982, p. 23) e por isso é tão melancólico:

Oh! os sábios são, como os artistas, quase sempre melancólicos. Porque avistam mais longe, porque conhecem o futuro, porque antes que as coisas aconteçam já estão padecendo com as suas consequências (...) Era a única pessoa triste, no meio de tanto bom humor. Mas era, com certeza, a pessoa mais esclarecida (MEIRELES, 1982, p. 23).

Como alegoria da constante negociação do homem pela sua felicidade, podemos analisar a crônica “Três Amigas”, que apresenta diferentes formas de se buscar a satisfação, cada amiga representando uma destas formas. A primeira busca a solidão, o afastamento de um mundo caótico, de uma realidade que lhe faz mal, que lhe faz infeliz:

A primeira manda-me apenas um postal: foi para o círculo ártico ver o sol da meia-noite. Sonhava solidões, silêncios... - quem teve jamais o que sonhou? (...) Ela partiu, cansada das algazarras do mundo, da confusão da vida, para receber – mais do que nos olhos – na alma a pureza ainda rude de um tempo menos caótico. E creio que, para o seu coração, o espetáculo do sol da meia-noite a atraía como um sinal sagrado, com o poder simbólico da luz na escuridão (MEIRELES, 1982, p. 28).

Essa amiga refugia-se, portanto, em um lugar afastado em busca de uma felicidade solitária. A segunda, faz da beleza da vida, das coisas do mundo, uma estratégia para poupar-se do envelhecimento – que nos aproxima da morte – e como forma de conquistar uma satisfação, de seguir em busca da felicidade. É como se o bom humor e a apreciação das belezas oferecidas pelo mundo pudessem proporcioná-la mais vitalidade, mais prazer com relação à vida, um prazer quase escandaloso:

A segunda amiga revela-me a sua perplexidade, pois acaba de descobrir que vai completar cinquenta anos. Ela nem acredita nisso (...) Sente-se como uma pessoa de trinta: não há livro, não há exposição de arte, não há concerto que a deixe indiferente (...) Com meio século de uso, ela encontra as outras pessoas amarguradas, queixosas, tristes e sua vida parece um escândalo aos seus próprios olhos. Então, para não envergonhar os seus colegas de meio centenário, a minha admirável amiga pergunta se não deve fazer um esforço para envelhecer, se não deve fechar seu coração à beleza do mundo e redigir quanto antes o seu – bastante reduzido – testamento. (MEIRELES, 1982, p. 28).

A terceira amiga, busca sua felicidade através do amor, por isso, satisfaz-se com o casamento e com os filhos que a vida lhe dá, cumprindo com maestria sua missão de amar e ser amada. Ela se apega às pequenas coisas da vida, às lembranças do passado, à frágeis momentos perdidos, desejando uma felicidade simples, sem grandes ambições:

A terceira amiga está numa fotografia, cercada de crianças: todos os anos tem um filhinho novo, e a sua vida é um transbordamento de amor. Nós nos fizemos amigas pela coincidência de sentimentos na valorização do humilde, no gosto pelo autêntico, na ternura pelas coisas que conservam a sombra de uma presença humana: velhos objetos sem dono, lembranças do passado, restos indefesos do esforço – quase sempre malgrado – de viver (...) Descobrimos também a nossa insignificância, comparada aos arquivos, aos museus, aos cemitérios que transportávamos conosco. Desejamos que nada se perdesse do que um dia foi feito com a amorosa intenção de durar. Diante de um mundo ingrato e amargo, ávido de imediatismo, ousávamos dirigir também os nossos olhos para o que ia ficando para trás. Para o que se abandonava e esquecia. E ficamos amigas para sempre (MEIRELES, 1982, p. 28-29).

A condição humana é ponto de discussão na crônica “Jogos Circenses”, que aborda as difíceis realidades do mundo, comparando a vida a um espetáculo de circo, em que cada personagem é nossa própria representação, desafiando os medos para seguir adiante:

Nós, porém, os que já vimos todos os circos e – principalmente – já conhecemos bastante deste mundo, ficamos ali atônitos com a revisão da histórias humanas, destas nossas histórias frequentes, cômicas e heróicas e encontramos o nosso próprio rosto em cada figurante que aparece, por outras que sejam nossas fisionomias, de cá e de lá. (MEIRELES, 1982, p. 37).

Apesar dos adultos terem consciência do mundo de fantasia, quase onírico, do circo, sentem-se envolvidos por este espaço e permitem-se viver, por alguns

instantes, imersos naquela magia e ilusão.

As crianças, em contrapartida, apresentam uma visão fantasiosa do espetáculo circense, pois, sabem pouco ainda sobre o mundo; tudo o que aparece naquela apresentação artística é mágico como um sonho, é fascinante e embriagante:

As crianças que nasceram ainda outro dia, que ainda estão aprendendo o mundo, confrontam os tigres e os elefantes com as imagens que lhes foram apresentadas nos livros de histórias (...) Isso quanto aos rapazinhos, porque as meninas, ainda suaves, apesar da dureza dos tempos, estão embevecidas com o palhaço muito branco, muito azul, muito vermelho, que vai distribuindo rosas pela platéia; e a moça prateada que sobe e desce aladamente sem interromper a corrida do seu cavalo branco pertence com certeza ao reino das fadas, onde (suspiremos!) algum dia se poderá chegar. (MEIRELES, 1982, p. 36).

À medida que crescemos, aprendemos sobre o mundo e, gradualmente, vamos perdendo a visão fantasiosa da vida, descobrindo que a realidade é, muitas vezes, diferente de nossos desejos. Sofremos uma desilusão, e nos confrontamos com verdades que desconhecíamos:

As crianças divertem-se com o palhaço perseguido pela falsa leoa de goma, que segue como uma bóia flutuando no ar, agarrada aos seus calções. É como um pequeno pesadelo infantil essa corrida fluida, com uma imponderável fera onírica. Mas um dia somos todos, bem acordados, ou o palhaço ou a leoa, num pavor sem fundamento neste mundo nosso de símbolos (...) Mas as crianças ainda não estão iniciadas no segredo dos jogos circense. Mais tarde compreenderão. (MEIRELES, 1982, p. 37).

O dono do circo, porém, um homem adulto e experiente, não vive a mesma fantasia que as crianças, pois ao fim do espetáculo, ao cerrar a lona e cessar a magia, o mundo novamente o convoca para viver a realidade, e uma sensação de medo, de fragilidade, de melancolia, toma conta desse sujeito.

E o homem do circo de lona pensa com amargura nas suas adversidades, no seu reino sem disciplina e sem lei, sem perfeição e sem glória; no seu elefante que envelheceu, no palhaço que se quebrou, na trapezista que fugiu. Ah! O circo exige uma precisão cósmica! Os pratos não podem desabar, o pé não pode sair do ponto exato, e se o punhal sofrer um leve desvio no seu rumo é quase certo que atinge o coração. (MEIRELES, 1982, p. 37-38).

O circo é um mundo ilusório, em que os personagens são felizes e vivem livremente suas fantasias; porém, exige uma sincronia, da mesma forma que a vida, para que tudo não desabe e não destrua nosso sonho de felicidade.

A apreciação da beleza, a tentativa de viver momentos de satisfação, que substituam os desprazeres que enfrentamos ao longo da vida, pode ser discutida na crônica “Compras de Natal”, que aborda o costume das pessoas em ornamentar as casas, as lojas, as ruas, criando um espaço que, mesmo sendo artificial, seja apropriado ao espírito que desejam despertar nesta época; algo que transmita esperança de um ano melhor do que o que se encerra, utilizando objetos sem nenhuma função prática, criando cidades artificiais e assim, criando uma realidade artificial:

A cidade deseja ser diferente, escapar às suas fatalidades. Enche-se de brilhos e cores; sinos que não tocam, balões que não sobem, anjos e santos que não se movem, estrelas que jamais estiveram no céu (...) As lojas querem ser diferentes, fugir a realidade do ano inteiro; enfeitam-se com fitas e flores, neve de algodão de vidro, fios de ouro e prata, cetins, luzes, todas as coisas que possam representar beleza e excelência. (MEIRELES, 1982, p. 121).

As pessoas vão às compras, não por desejarem compartilhar com o próximo algo que realmente seja significativo,, mas porque o consumo faz parte das estratégias de esquecimento da realidade, ou ainda, da criação de uma outra realidade; somos tomados pelo desejo de esquecermos nossas misérias, nossas impossibilidades. Os presentes assim como os ornamentos, não possuem sequer uma função prática, não atendem às necessidades do destinatário, são parte de todo um teatro que compõe a cidade nessa época, faz parte das atribuições do personagem:

Não poderemos adquirir a primeira coisa que se ofereça à nossa vista: seria uma vulgaridade (...) Não devemos também oferecer nada de essencialmente necessário ou útil, pois a graça destes presentes parece consistir na sua desnecessidade e inutilidade. Ninguém oferecerá, por exemplo, um quilo (ou mesmo um saco) de arroz ou feijão, para a insidiosa fome que se alastra por estes nossos campos de batalha; ninguém ousará comprar uma boa caixa de sabonetes desodorantes para o suor da testa com que – especialmente neste verão – teremos de conquistar o pão de cada dia. (MEIRELES, 1982, p. 122).

Os presentes são a “imagem da ilusão” (MEIRELES, 1982, p. 122), objetos sem função alguma, mas, que nos deixam “extremamente felizes” (MEIRELES, 1982, p. 12). E nós “pagamos por essa graça delicada da ilusão. E logo tudo se esvai, por entre sorrisos e alegrias” (MEIRELES, 1982, p. 122), pois trata-se de uma felicidade momentânea.

A crônica “Dias perfeitos” focaliza o tema da agressividade natural do homem, teorizada por Freud (1987), ao passo que, retrata o dia-a-dia na cidade, desejando que estes se tornem mais amistosos, solidários e cordiais:

Dias perfeitos são esses em que (...) o ônibus não vem em cima de nós, buzinando e na contramão; e os sinais de cruzamento não estão enguiçados e os guardas estão no seu posto, sem conversa para as morenas nem para os colegas. Dias perfeitos são esses em que não cai botão nenhum da nossa roupa ou, se cair, uma pessoa amável aparecerá correndo, gastando o coração, para no-lo oferecer como quem oferece uma rosa, deplorando não dispor de linha e agulha para voltar a po-lo no lugar (MEIRELES, 1982, p. 125-126).

Nesses dias perfeitos da crônica, as pessoas não perderam a educação nem se deixaram enrijecer diante da acelerada velocidade do dia-a-dia – “Dias perfeitos são esses em que ninguém pisa em nossos sapatos, nem esbarra com uma cesta nas nossas meias, ou, se isso acontecer, pede milhões de desculpas, hábito que se vai perdendo com uma velocidade supervostokiana” (MEIRELES, 1982, p. 126) – e o trabalho não é executado como algo penoso, mas como uma forma de ajuda mútua eu/outro:

Dias perfeitos são esses em que os guichês do Correio dispõe de gentis senhoritas e respeitáveis senhores que não estão fazendo crochê nem jogando xadrez sozinhos e não se aborrecem com o mísero pretendente à expedição de uma carta aérea, e até sabem quanto pesa a missiva e qual o seu destino, no mapa, e têm troco certo na gaveta, e não atiram os selos pelo ar como quem solta pombos da cartola. (Ah, esses são dias perfeitíssimos!...) (MEIRELES, 1982, p. 126).

Nos dias narrados como perfeitos, amar não é algo que amedronta, pois ser amado é uma reação certa de ocorrer e a aventura da vida torna-se mais prazerosa, é um passeio mágico pelo espaço sideral, e a felicidade é algo possível - “Dias

perfeitos são esses em que voltamos para casa e a encontramos intacta, no mesmo lugar, e intactos estão os nossos tristes ossos, e podemos dormir em paz, tranquilos e felizes como se voltássemos apenas de um passeio pelos anéis de Saturno” (MEIRELES, 1982, p. 126).

A temática da crônica “Depois do Carnaval” tem como pano de fundo uma das festas mais populares do país, o Carnaval, pois, esse seria um momento de liberação das fantasias que durante todo o ano, ou toda a vida, rodeiam as pessoas - “de trás disto que aparentamos ser, leva cada um de nós a preocupação de um desejo oculto, de uma vocação ou de um capricho que apenas o Carnaval permite que se manifestem com toda a sua força, por um ano inteiro contida” (MEIRELES, 1982, p. 127).

Em seu dever de cumprir o seu papel social, o homem – muitas vezes – tem de abandonar desejos que estão fora de sua realidade ou fora do plano civilizatório, causa de muitas insatisfações, de frustrações; porém, durante o carnaval esse sujeito tem a oportunidade de representar ou criar o personagem que deseja, vivendo assim, sua “verdade inventada”, sua realidade ficcional e alcançar, mesmo que por um pequeno período, a felicidade:

Somos um povo muito variado e mesmo contraditório: o que para alguns parecerá defeito é, para outros, encanto. Quem diria que tantas pessoas bem comportadas, e aparentemente elegantes e finas, alimentam, durante trezentos dias do ano, o modesto sonho de serem ursos, macacos, onças, gatos e outros bichos? (MEIRELES, 1982, p. 127).

A cronista fala, ironicamente, da inversão de papéis que ocorre em função das personagens representadas, em que os dominadores tornam-se dominados e os dominados vivem seu “sonho de grandeza” (MEIRELES, 1982, p. 127):

(...) Quem diria que há tantas vocações para índios e escravas gregas, neste país de letrados e de liberdade?
Por outro lado, neste chamado país subdesenvolvido, quem poderia imaginar que há tantos reis e imperadores, princesas das Mil e Uma Noites, soberanos fantásticos, banhados em esplendores que, se não são propriamente das minas de Golconda, resultam, afinal, mais caros: pois se as gemas verdadeiras têm valor por toda a vida, estas, de preço não desprezível, se destinam a durar somente algumas horas. (MEIRELES, 1982, p. 127).

Além disso, também trata com ironia o fato de que exista, em um país considerado avançado e liberal, pessoas que vivam oprimidas e reprimidas pelas imposições sociais: “Neste país tão avançado e liberal – segundo dizem – há milhares de corações imperiais, milhares de sonhos profundamente comprimidos mas que explodem, no Carnaval” (MEIRELES, 1982, p. 127).

Portanto, seria o Carnaval, também, uma estratégia de busca da felicidade, pois transforma a realidade, que pode não ser satisfatória, em um efêmero, porém, intenso, momento de deleite, é “nosso sonho de grandeza, a nossa compensação, a valorização que damos aos nossos próprios méritos...” (MEIRELES, 1982, p. 127). Ao cessar esse momento, porém, a cidade volta a sua rotina, a sua realidade, as fantasias devem, novamente, habitar apenas o imaginário e devemos voltar a representar os papéis que nos foram conferidos pela sociedade de que somos parte, e depois do prazer, da satisfação, eis que nos resta a nostalgia e a melancolia de um feliz e findo dia de liberdade:

TERMINADO O CARNAVAL, eis que nos encontramos com os seus melancólicos despojos: pelas ruas desertas, os pavilhões, arquibancadas e passarelas são uns tristes esqueletos de madeira; oscilam no ar farrapos de ornamentos sem sentido, magros, amarelos e encarnados, batidos pelo vento, enrodilhados em suas cordas; torres coloridas, como desmesurados brinquedos, sustentam-se de pé, intrusas, anômalas, entre as árvores e os postes. Acabou-se o artifício, desmanchou-se a mágica, volta-se a realidade. (MEIRELES, 1982, p. 127).

Porém, o fim do Carnaval não cessa o desejo de obtenção da felicidade, porque “os homens gostam da ilusão. E já vão preparar o próximo Carnaval...” (MEIRELES, 1982, p. 127).

A crônica “Edmundo, o céptico”, eleita para encerrar essa análise, aborda a difícil escolha entre tentar fugir das ilusões e buscar a verdade. O personagem principal da crônica, imerso em uma sociedade em que as crianças conhecem o mundo através do olhar do adulto, não aceita ouvir a verdade contada, ao passo que deseja descobrir a verdade por si próprio, através de seu contato com o mundo, de sua experimentação, muitas vezes dolorosa:

Ele queria quebrar com os dentes os caroços de ameixa, para chupar um melzinho que há lá dentro. As pessoas diziam-lhe que os caroços eram mais duros que os seus dentes. Ele quebrou os dentes com a verificação.

Mas verificou. E nós todos aprendemos à sua custa. (O cepticismo também tem o seu valor!).

Disseram-lhe que, mergulhando de cabeça na pipa d'água do quintal, podia morrer afogado. Não se assustou com a idéia da morte: queria saber é se lhe diziam a verdade. (MEIRELES, 1982, p. 118).

Edmundo acreditava que os adultos não falavam a verdade, iludindo as crianças com um mundo inventado, fantasioso, pois assim, seria mais fácil dominá-los, exercer o poder sobre eles:

Edmundo estava sempre em guarda contra os adultos: eram os nossos permanentes adversários. Só diziam mentiras. Tinham a força ao seu dispor (representada por várias formas de agressão, da palmada ao quarto escuro, passando por várias etapas muito variadas). (MEIRELES, 1982, p. 118).

Enquanto as outras crianças divertiam-se com a fantasia, com a ilusão de mundos possíveis, e acreditavam na arte que seduzia seus olhos, Edmundo preferia manter-se afastado da ilusão, apegado ao que ele acreditava ser a realidade:

Nenhum de nós se importaria muito com a verdade: era tão engraçado ver saírem cinquenta fitas de dentro de uma só...e o copo d'água ficar cheio de vinho...

Edmundo resistiu um pouco. Depois, achou que todos estávamos ficando bobos demais. Disse: "Eu não acredito!" Foi mexer no arsenal do mágico e não pudemos mais ver as moedas entrarem por um ouvido e saírem pelo outro, nem da cartola vazia debandar um pombo voando... MEIRELES, 1982, p. 118).

Porém, a realidade pode tornar-se dolorosa, ninguém conseguiria viver cercado apenas pela verdade, sem uma ilusão, sem uma estratégia, uma compensação que o fizesse esquecer as duras realidades impostas pelo mundo e Edmundo, que "estragava tudo" (MEIRELES, 1982, p. 118) e "não admitia a mentira" (MEIRELES, 1982, p. 118) "morreu cedo. E quem sabe, meu Deus, com que verdades?" (MEIRELES, 1982, p. 118).

Ainda que a felicidade seja um desejo irrealizável em sua totalidade, é próprio da condição humana não desistir de buscá-la, porque durante esse incansável e interminável caminho de procura, é possível nos depararmos com instantes de prazer que, embora momentâneos, trazem o calor de que necessitamos para sobrevivermos ao nosso caótico mundo, ainda que por ilusões e por "verdades inventadas".

Résumé:

Ce travail a le objectif de analyser quelques chroniques de l'auteure brésilienne Cecília Meireles, dans le livre *Ilusões do mundo*, dès la lecture de quelques chapitre des livres *O futuro de uma ilusão* et *O Mal-estar na civilização*, de Sigmund Freud. Se faire connaître la constant cherche du homme pour la félicité et sa création de fauxs vérités.

Paroles clef: Cecília Meireles; Freud; Civilisation; Malaise.

Referências:

FREUD, Sigmund, 1856-1939. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição *standard* brasileira/ Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alix Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. - 2.ed. - Rio de Janeiro: Imago, 1987, 1ª, reimpressão, 1988.

LISPECTOR, Clarice. "Clarice Lispector". In: **Wikiquote:** a coletânea de citações livre. Disponível em: <//pt.wikiquote.org/w/index.php?title=Clarice_Lispector>. Acesso em: 07 de Maio de 2010.

MEIRELES, Cecília, 1901-1964. **Ilusões do mundo: crônicas;** nota editorial de Darcy Damasceno. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.